

# P R O J E T O NURC/SP

NORMA LINGÜÍSTICA URBANA CULTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/FFLCH  
Disciplina de Filologia e Língua Portuguesa  
Caixa Postal, 8105 — 01000 São Paulo SP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Instituto de Estudos de Linguagem — IEL  
Caixa Postal, 6045 — 13100 Campinas SP

XIII REUNIÃO NACIONAL DO PROJETO NURC/Brasil  
Campinas, 4 a 6 de dezembro de 1985.

## Relatório da Equipe de São Paulo

1. Equipe: Profs. Ataliba T. de Castilho (UNICAMP) e Dino Preti (USP), Coordenadores. Pesquisadores: Zilda Zapparolli, Hudinilson Urbano, Paulo de Tarso Galembeck, Enzo Del Carratore, Maria Isaura Baleeiro, Sílvia Pavani, José Iran Miguel.
2. Estudos do corpus: José Iran Miguel concluiu e defendeu sua tese de mestrado na USP sobre operadores conversacionais. Sílvia Pavani fará em dezembro o exame de qualificação de sua tese de mestrado sobre os demonstrativos, na UNICAMP.
3. Estudo do artigo: a equipe procedeu ao estudo de 8 minutos de um DID faixa I, de acordo com o Guia-Questionário, e redigiu um estudo de caráter alternativo. V. textos em anexo.
4. Publicação dos materiais: foram enviados à FAPESP os originais do vol. I das Amostras do Projeto NURC/São Paulo (enunciações formais). A Apresentação dá um balanço no Projeto no Brasil, e relaciona os estudos descritivos preparados em São Paulo: v. texto em anexo.
5. Realização de Grupos de Trabalho a nível nacional, para a exploração de temas sobre a língua oral e a descrição dos materiais. A Prof<sup>a</sup> Paola Bentivoglio estará na UNICAMP na primeira quinzena de abril de 1986. O Ministro Renato Archer, apreciando relatório da ABRALIN, considera viável a realização de grupos de trabalho: v. carta anexa. Campinas/São Paulo, dezembro de 1985.

# O ARTIGO NO PORTUGUÊS CULTO FALADO EM SÃO PAULO

Ataliba T. de Castilho  
UNICAMP

## Preliminares

0. Procuero neste trabalho identificar algumas condições de figuração sintática das classes o, a, os, as / um, uma, uns, umas seguidas de Nome (N) no português culto falado na cidade de São Paulo, tal como documentado em entrevistas gravadas do Projeto NURC/SP. Os exemplos aduzidos provêm do diálogo entre o informante e o documentador (DID) nº 123, em que fala um homem de 38 anos. Os exemplos de outras fontes terão a referência apropriada. Ocasionalmente, algumas fontes escritas poderão fundamentar uma ou outra afirmação.

A análise principia por um estudo distribucional da classe o, e termina pela tentativa de identificação das funções discursivas das classes o e um. Procedi, portanto, da oração para o texto, formulando indagações separadas a propósito dessas classes: qual é seu comportamento sintático-oracional? qual é seu papel discursivo? Algumas conclusões provisórias cerram o texto.

## Propriedades sintático-oracionais

1. Observando as classes que co-ocorrem com o N, nota-se que algumas constituem sua margem esquerda (os determinantes: Artigos, Demonstrativos, Possessivos, Indefinidos e Numerais), enquanto que outras constituem sua margem direita (os modificadores: Adjetivos). O N é o núcleo dessa construção, denominada Sintagma Nominal (SN), que tem, portanto, o seguinte formato:

SN → (det) N (mod).

2. Os determinantes do SN admitem certas combinações entre si, e diferentes ordens de figuração em relação ao N:

- (1) os meus carros / os carros meus
- (2) os dois carros
- (3) estes meus carros / estes carros meus
- (4) estes dois carros
- (5) todos os carros / todos estes carros
- (6) todos os dois carros.

Estas combinações obedecem a certas regras, pois não temos:

- (7) \* carros os
- (1a) \*meus os carros / \* carros os meus
- (2a) \* os carros dois / \* dois os carros
- (3a) \* meus estes carros
- (4a) \* estes carros dois / \* dois estes carros
- (5a) \* os todos carros / \* estes todos carros
- (6a) \* os todos dois carros.

Sistematizando esses testes em uma matriz, obtém-se o seguinte resultado:

	ART	POSS	DEM	INDEF	NUM
ART		+	-	+	+
DEM	-	+		+	+
POSS	--		-	+	+
INDEF	--	-	-		+
NUM	--	+	-	-	

Esse quadro reflete a combinação dos seguintes itens: Art. o, um; Poss meu; Dem este; Indef pouco; Num dois. Para uma observação mais ampla, dever-se-ia obviamente ampliar os itens dos determinantes, bem como tomar diferentes classes de N. De todo modo, algumas conclusões ainda que parciais podem ter tiradas:

2.1 - Os Art são os determinantes por excelência e seu uso como marcador nominal é quase universal. Em condições especiais os Art são omitidos, matéria que estudarei além. Por outro lado, os Art podem combinar-se com qualquer outro Det, menos com os Dem. Isto mostra que Art e Dem estão em distribuição complementar, pertencendo, portanto, à mesma classe sintática. Tanto o Art como o Dem ilustram uma alta coesão sintática com o N, exibindo expoente 3 de combinações possíveis.

O caráter complementar do Art e do Dem recomenda a elaboração uma análise conjunta, mas por ora ainda não o farei.

2.2 - Segue-se o Poss, com expoente 2, e os Num e Indef, com expoente 1.

3. O Art o é um signo dependente, associado necessariamente a outro signo, o N, ao qual se prende foneticamente, constituindo com ele um vocábulo fonético. Ademais, trata-se de uma classe formal sem conteúdo semântico, isto é, é uma forma vazia.

Comparando-o com a classe um, caberia indagar se ambos têm comportamento sintático idêntico.

Parece haver mais diferenças do que semelhanças entre o N e um N:

3.1 - Negando orações com o e um obtemos efeitos diferentes:

- (8) O homem chegou
- (8a) O homem não chegou
- (9) Um homem chegou
- (9a) Nenhum homem chegou / Não chegou nenhum home.

Isso mostra que um e nenhum integram a mesma classe, diferenciando-se ambos os itens de o.

3.2 - o é uma forma átona; um é tônico, e alterna com outros itens da mesma classe, tais como certo, outro:

- (10) Um dia, descí para a praia.
- (10a) Certo dia, descí para a praia.
- (10b) Outro dia, descí para a praia.

Um e outro podem vir coordenados:

- (11) Você vê uma ou outra árvores (DID 123: 133).
- (11a), Você vê uma e outra árvore.
- (11b) Você vê uma que outra árvore.

o e um não admitem essa coordenação. o só pode alternar com a execução zero de si mesmo, em determinadas condições, como em

- (12) Beber o vinho é bom.
- (12a) Beber vinho é bom.

3.3 - Um pode ser usado como pronome; o, não:

- (13) Comi um bolinho.
- (13a) Comi um
- (14) Comi o bolinho.
- (14a) \* Comi o.

Tomados em seu conjunto, esses testes mostram que um, uma, uns, umas integram-se melhor entre os Indef, ficando a classe do Art representada unicamente por o, a, os, as. Mas como nem sempre é possível distinguir o Indef. um do Num um, como em

(15) Passou uma vaca,  
interpretável unicamente por processos enfáticos, como  
(15a) Passou uma vaca, não duas,

seria aconselhável dispor o Indef. um entre os Quantificadores, que compreenderiam então duas sub-classes: (i) Quantificadores determinados, ou Numerais; (ii) Quantificadores indeterminados, ou Indefinidos.

Em consequência, neste trabalho o termo Art remeterá sempre à classe o, e Indef incluirá a classe um. Conformo-me, assim, à tradição inicial da gramática portuguesa, que só registrava o como Art. É provável que tenha ocorrido no português o mesmo que no espanhol, língua em que somente a partir do séc. XIX se começou a aludir aos Artigos Indefinidos, e ainda assim "por imitação das gramáticas estrangeiras", como pensa Alonso (1933: 132).

Em suma, entenderei o Art como um marcador formal do N, ao qual classifica formalmente, e no qual inclui outras classes pela simples anteposição.

Como marcador formal, o Art divide o léxico português em duas classes: a das palavras masculinas e a das palavras femininas. Essa classificação pode ocorrer cumulativamente à existência de uma vogal temática -o, para os nomes masculinos, ou do morfema -a, para as palavras femininas. Nas palavras de gênero privativo, cabe unicamente ao Art a marcação da categoria de gênero.

A gramática ensina que as palavras de gênero privativo são sub-classificadas em sobrecomuns (aquelas que indicam pessoas, como a criança, o algoz), epicenos (aquelas que indicam nomes de animais (a águia, o jacaré) e comuns de dois (o artista, a artista), dispondo esses ensinamentos no capítulo da Morfologia.

Há diversas impropriedades nesses ensinamentos:  
(i) misturam-se fenômenos sintáticos a fenômenos flexionais;  
(ii) no interior de uma argumentação morfológica, introduzem-se argumentos semânticos, a saber, a distinção entre sobrecomuns e epicenos; (iii) veicula-se uma terminologia viciosa, pois sobrecomum é a contrafação latina da palavra grega epiceno, de epi 'sobre' + koinós 'comum'.

Como nominalizador, o Art transpõe diferentes classes de palavras, transformando-as em núcleos de um SN:

(16) O comer e o coçar estão a começar.

(17) Ele vive atrás do impossível.

(18) O não é inimigo do sim.

(19) Multiplicaram-se ultimamente os ismos da Linguística.

A dependência do Art em relação ao N fornece à análise um bom ponto de partida: a quantidade de Ns ocorrentes num texto dará o parâmetro máximo de figuração do Art. E como nas orações o N pode figurar seja à esquerda do Verbo (V) - N como tema -, seja à direita - N como comentário -, ou ainda preposicionado, como um Sintagma Preposicionado (SP), será conveniente separar as ocorrências de Art conforme apareça no primeiro Sintagma Nominal (SN<sup>1</sup>), ou no segundo (SN<sup>2</sup>), ou no SP.

Aplicando essas considerações na análise das cem primeiras orações do Inq. NURC/SP DID 123, constatei o seguinte:

(1) Ocorreram 107 Ns (82 Ns comuns + 25 Ns próprios), somando-se itens diferentes e itens repetidos.

(2) No SN<sup>1</sup> houve 16 ocorrências de N comum (sendo 15 articulados e 1 não articulado) e 1 ocorrência de N próprio não articulando, totalizando 17.

(3) No SN<sup>2</sup> houve 24 ocorrências de N comum (sendo 15 articulados e 9 não articulados) e 5 ocorrências de N próprio (sendo 2 articulados e 3 não articulados), totalizando 29.

(4) No SP houve 42 ocorrências de N comum (sendo 25 articulados e 17 não articulados) e 19 ocorrências de N próprio (sendo 8 articulados e 11 não articulados, totalizando 61.

Esses dados permitem tirar algumas conclusões preliminares: (i) Há 65 ocorrências de Art para 42 não ocorrências, o que reforça a necessidade de contrastar a presença com a ausência obrigatórias dessa classe, separando ainda os casos facultativos. De fato, se em (12) e (12a) sintaticamente é possível ter a presença ou a ausência do Art, em outros casos a presença é obrigatória, como em

(20) A pessoa está indo para o sul,  
em que seria agramatical

(20a) \* Pessoa está indo para o sul,  
ou a ausência é obrigatória, como em

(21) É bom viajar de automóvel,  
em que seria agramatical

(21a)\*É bom viajar do automóvel.

A descrição deve buscar, assim, fixar os casos de presença obrigatória, ausência obrigatória, e casos facultativos. (ii) O Art. figura mais vezes no SN<sup>2</sup> do que no SN<sup>1</sup>. Em nossos dados, se incorporarmos ao SN<sup>2</sup> os SP que funcionam em dependência do V (e que por isso são efetivamente SN<sup>2</sup>, apenas que preposicionados), teremos 15 ocorrências de Art no SN<sup>1</sup>, contra 65 ocorrências no SN<sup>2</sup> assim quantificado. No SN<sup>1</sup>, em contrapá-

tida, há apenas uma não ocorrência do Art, para 42 não ocorrências no SN<sup>2</sup>. Esses dados aconselham a separar as ocorrências do Art, segundo sua figuração na oração em relação ao V. (iii) Finalmente, os N próprios exibem um índice mais alto de ausência do Art, o que vem confirmar suas propriedades gramaticais diversas das do N comum. Em consequência, será conveniente separar uns de outros na análise.

As observações recolhidas nos itens (i), (ii)-e (iii) fornecem o roteiro para a análise das propriedades sintático-oracionais do Art. Não serão aqui considerados os fatores extralinguísticos de sexo, idade, e grau de formalismo.

#### 4. Presença obrigatória do Artigo

##### 4.1 - N comum

Uma análise rigorosa das relações entre o Art e o N aconselharia a que se propusesse previamente uma sub-categorização do N em classes semântico-sintáticas. Isso permitiria responder mais adequadamente a quesitos tais como 2.1.3.1.2 e 2.1.3.1.3.1 do instrumento de análise do Projeto NURC: Questionário (1971-1973). Não o farei nesta oportunidade; o levantamento exaustivo do léxico culto de São Paulo, que está sendo levado a cabo pelo Prof. Enzo Bel Carratore será um bom subsídio para isso: Carratore (1983).

##### 4.1.1 - N comum só

(1) Nome comum com referência extensiva:

(22) O homem é um animal social

(22a) \* Homem é um animal social.

A eliminação do esquema "o N é um N" permite a omissão do Art:

(22b) Homem é animal social.

O caráter extensivo dos Ns precisaria ficar melhor estabelecido. Num caso como

(23) Essa fazenda é uma fazenda muito antiga. Omeurbisavô, que foi o primeiro dono da fazenda, derrubou o mato, plantou café (D2 15),

articula-se mato e não se articula café porque o primeiro é menos ambíguo que o segundo. Café tanto remete à planta quanto à bebida, ao passo que mato só se refere a um conjunto de vegetais sem serventia. O mesmo esquema articular ocorreria em

(23a) ... derrubou o mato e plantou chá / borracha / guaraná.



Em suma, comparando homem de (22) e mato de (23) a café, chá, borracha, guaraná de (23) e (23a), temos em homem e mato um conjunto de referentes extensivos, abrangidos . homem = 'homens e mulheres', mato = 'conjunto de ervas daninhas!', enquanto que os demais itens remetem a referentes "intensivos", circunscritos, a saber, café 'planta' ou 'bebida', e assim por diante.

(2) No SN<sup>1</sup> a coesão o + N é mais forte que no SN<sup>2</sup>, e assim a obrigatoriedade de figuração do Art é maior:

- (24) O caminho normal é seguir pelo litoral.
- (25) A pessoa está indo para o sul.
- (26) A estrada em si não é perigosa.
- (27) O perigo aparece se o sujeito utilizar automóvel numa grande velocidade.
- (28) O problema é o seguinte.

Nesta posição, o único SN<sup>1</sup> do corpus indicado a figurar sem Art estava determinado por muito:

- (29) Muita gente tem medo de viajar de avião.

(3) N comum em expressões contrastivas:

- (30) Estou entre a cruz e a caldeirinha.
- (31) Ele ficou entre a vida e a morte.

(4) Em certos ditados, frases feitas:

- (32) O avarento não tem e o pródigo não terá.  
Exemplo de Cunha-Cintra (1985: 210).

#### 4.1.2 - N comum determinado

(1) Determinação por Numeral ordinal:

- (33) ... a primeira praia é Camboriú. V. 5.1.2 (3).

(2) Determinação por Indef posposto:

- (34) ... então Você tem a paisagem do litoral que são as praias todas desde Santa Catarina. V. 5.1.2 (1).

(3) Não foram encontrados as seguintes estruturas no material examinado: todos + Art + N  
ambos

(4) Havendo elipse do N determinado, o Det assume o papel de pronome, e a presença do Art se torna obrigatória antes do Poss



(35) Como passaram os seus ?

ou antes do Indef outro:

(36) ... então Você alcança aqui a outra  
(serra) que vem de Curitiba.

#### 4.1.3 - N comum adjetivado

(1) Adjetivo posposto:

(37) Bom... o caminho normal Você sai daqui e...

(2) Adjetivo preposto por topicalização:

(38) ... bom, eu não conheço inteira a região.

(3) Adjetivo superlativizado (superlativo absoluto ou relativo):

(39) Acabei a lição mais difícil.

(40) Acabei a mais difícil das lições.

Aparece aqui o "artigo-eco", condenado outrora pelos gramáticos:

(41) Acabei a lição a mais difícil.

O uso do Art com entonação ascendente desempenha o mesmo papel de superlativização. Cunha-Cintra (1985: 206) denominam-no "artigo de notoriedade":

(42) Não foi uma festa qualquer, foi a festa.

#### 4.1.4 - N comum preposicionado

(1) N integrante de um SP dependente de um V :

(43) ... então a gente nota na beira do rio  
uma paisagem que...

(44) ... vai para o sul / ir pelo litoral...

(2) N integrante de um SP dependente de N articulado:

(45) o comportamento do rio não é controlado ainda.

Se o N regente viesse sem Art, o N preposicionado viria também sem Art:

(45a) Comportamento de rio não é controlado.  
V. 5.1.4 (3).

## 4.2 - N próprio

## 4.2.1 - N próprio só

(1) Antropônimos: não houve registro.

(2) Topônimos: Vale do Ribveira, Paraíba, Paraibuna.

(46) eles dois se juntam e formam o Paraíba.

## 4.2.2 - N próprio determinado

Não houve registro.

## 4.2.3 - N próprio adjetivado

(1) Antropônimos: não houve registro. Seria de esperar a obrigatoriedade de Art, em casos como

(47) O querido Mário chegou.

(2) Topônimos: não houve registro, mas a expectativa é a mesma:

(48) A querida Bahia vai hospedar o congresso.

## 4.2.4 - N próprio preposicionado

(1) Antropônimos: não houve registro. Seria de esperar a obrigatoriedade do Art:

(47a) O Mário de todas as horas chegou.

(2) Topônimos: Espírito Santo, Paraibuna, Paraná, Vale do Ribeira:

(49) Desce um pouco a serra do Vale do Ribeira.

(50) Você passa ao lado do Paraibuna.

(51) O Paraíba (...) vai desaguar no Espírito Santo.

(52) praia do Paraná / litoral do Paraná.

5. Ausência obrigatória do Artigo

## 5.1 - N comum

## 5.1.1 - N comum só

(1) N integrante de predicação existencial ou "apresentacional" (Suñer, 1982):

- (53) ... quando tem gente atravessando o rio é perigoso.  
 (54) Vai ter congresso na Bahia  
 (55) Outras construções encontradas: ter ânimo, ter tempo, ter preferência, ter cuidado; ter cuidado.

(2) N integrante de locuções verbais cristalizadas:

- (56) pedir perdão, cometer erros, dizer tolices, dar parte, aprender inglês, dar motivo, dar valor, etc.

Ocorrendo um Modificador após o N (adjetivo, SP ou oração adjetiva), ocorrerá o Art:

- (56a) Cometi os erros que qualquer um comete.

(3) Em certos ditados e frases feitas. Não houve registro, mas trata-se de casos como

- (57) Cão que ladra não morde.  
 (58) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. V. também 4.1.1 (4).

Seria preciso determinar por que a adjetivação em (58) não acarretou o uso do Art.

#### 5.1.2 - N comum determinado por Det incompatível

(1) Determinação por Dem:

- (59) Você começa a encontrar aqueles pinheiros.  
 (59a) esses pinheiros / estes pinheiros.

(2) Determinação por Indef:

- (60) Tive alguns contactos lá.  
 (61) Se não quiser ir a nenhuma praia do Paraná.  
 (62) ... que ele tem cachoeiras, pedras, qualquer coisa.  
 (11) Você vê uma ou outra árvore, mas  
 (11a) Você vê a outra árvore.

(3) Numerais indicadores de porcentagem (compare com o espanhol):

- (63) ... noventa por cento dos rios deve ser assim.

#### 5.1.3 - N comum adjetivado

(1) Há poucos exemplos, e se requer que o N comum adjetivado não venha modificado por SP ou oração adjetiva:

(64) Atravessei dívesas serras nessa viagem.

(64a) Atravessei as diversas serras que já citei anteriormente.

#### 5.1.4 - N comum preposicionado

(1) N integrante de SP dependente de V, com o qual pode constituir uma locução verbal:

(65) Agora eu moro em apartamento. Cf.

(65a) Agora eu moro no apartamento de Fulano.

(66) Voltei pelo que eles chamam de planalto.

(67) Locuções verbais: andar a pé, andar de trem, estar em terra, sair de casa, viajar / ir de automóvel / avião / carro.

(2) N integrante de SP dependente de N determinado por um, ou por  $\emptyset$ : ou por numeral:

(68) ... é uma paisagem de áreas cultivadas.

V. 4.1.4 (2). Compare:

(68a) ... é paisagem de áreas cultivadas.

(68b) ... é a paisagem das áreas cultivadas.

(3) (69) ... subi a um nível de 900 metros.

(3) N integrante de SP determinado, dependente de V: N-

(70) Já fui a Pernambuco em dois, três dias.

A ausência do Art é também obrigatória quando o SP vem determinado por classe incompatível com o Art:

(71) -- Você chama tudo de rio?

-- Não... depende... depois de um certo ponto é rio (...) abaixo de um certo limite também é ribeirão.

(4) N integrante de uma lexia complexa:

(72) Ganhou o emprego de mão beijada.

(73) Outras lexias: pé-de-moleque, em primeira mão, de braço dado, caraça cara, de ouvido, por exemplo, mata de serra, quedas d'água.

A inserção do Art destrói a lexia:

(74) O pé-de-moleque está queimado.

(74a) O pé do moleque está queimado.

(5) N em seqüências de estrutura /Prep+N+Conj+N/:

(75) ... uma viagem que Você tem paisagem só de serra e campo.

5.2 - N próprio

5.2.1 - N próprio só

(1) Antropônimos: não houve registro. A expectativa é de que sem indicação de intimidade omite-se o Art:

(47) Mário chegou.

(2) Topônimos: Curitiba, Iguape, Cananéia, Cam boriú, Itajaí, Santa Catarina, São Paulo, Joinville.

(76) Curitiba é um pouco mais alto que São Paulo.

(77) Iguape acho que é continente (...) não sei se Cananéia também é continente, né.

5.2.2 - N próprio determinado

Não houve registro.

5.2.3 - N próprio adjetivado

Não houve registro.

5.2.4 - N próprio determinado

(1) Antropônimos: não houve registro.

(2) Topônimos: mantém-se a regra 5.2.1 (2).

(78) ... a novecentos metros mais ou menos que é a altura de Curitiba em relação a São Paulo.

(79) ... passa por Joinville.

(80) Lá em Caçapava o rio passa dentro da cidade.

(81) O Paraíba que Você conhece, quando Você vai para Caraguatatuba,...

## 6. Casos facultativos

Trato aqui dos casos em que o Art é sintaticamente facultativo, embora sua ocorrência ou não ocorrência acarrete mudanças na interpretação semântica da oração, que serão estudadas na segunda parte do trabalho.

6.1 - N comum

6.1.1 - N comum só

(1) O N integrante do SN<sup>2</sup> é mais suscetível de vir ou não articulado, desde que não constitua uma locução verbal:

(82) Vou tirar fotografia / a fotografia.

(83) Tenho preferência / a preferência.

(84) Os ladrões utilizaram automóvel / o automóvel para fugir.

(2) Nas séries de Ns obtêm-se efeitos distintos conforme figure ou não o Art.

A presença do Art particulariza os referentes:

(85) Nas ruas de Curitiba você vê de tudo: o italiano, o polonês, o alemão.

A ausência do Art leva à perda desse efeito, substituído pelos efeitos de acumulação e dispersão notados por Cunha - Cintra (1985: 228):

(86) ... teria condições de cultivo para alguns tipos, quer dizer, bananas, frutas e madeira.

(3) O N topicalizado representa outro caso de uso facultativo do Art:

(87) Desembocadura, né, às vezes chamam.

(87a) A desembocadura, né, às vezes chamam.

#### 6.1.2 - N comum determinado por Det compatível

(1) Determinação por Poss:

(88) ... pediram o trabalho nosso lá / o trabalho nosso lá.

(2) Determinação por Num cardinal (v. 4.1.2 (1)):

(89) ... existe realmente as duas opções / duas opções.

#### 6.1.3 - N comum adjetivado

Não houve registro. v. 5.1.3.

#### 6.1.4 - N comum preposicionado

(1) N integrante de SP dependente de V:

(90) dormir na estrada / em estrada.

(91) viajar nas férias / em férias.

(2) N integrante de SP dependente de N:

(92) paisagem da serra / de serra.

(93) tipo de pessoa / da pessoa.

(3) N integrante de SP constituído por locução

prepositiva:

(94) por causa do tempo / de tempo.

6.2 - N próprio

6.2.1 - N próprio só

(1) Antropônimos: v. 5.3.1 (1)

(2) Topônimos: a presença ou ausência de Art antes de certos topônimos parece ser uma questão de variação livre. Os materiais consultados não fornecem evidências.

6.2.2 - N próprio determinado

Não houve registro.

6.2.3 - N próprio adjetivado

Não houve registro.

6.2.4 - N próprio preposicionado

(1) Antropônimos: <sup>deve</sup>observar-se a mesma regra apresentada em 5.2.1. (1); mas não houve registro:

(95) O livro do Mário já saiu/ de Mário.

(3)

### Funções discursivas do Artigo

7. A análise sintática do Art centrou-se em sua figuração no SN e no SP. Os exemplos mencionados mostram que os ambientes de figuração do Art nem sempre são decisivos para a explicação de seu uso ou não uso, intervindo nisso fatores de ordem semântica: a presença do Art especifica o universo significativo do N (donde sua obrigatoriedade nos casos de Ns extensivos - para que o falante esclareça melhor seu interesse significacional - e sua ausência nos casos de Ns "intensivos"), enquanto que sua ausência generaliza esse universo. Ou, como reconheceu Alonso (1933), a ocorrência do Art assinala a existência efetiva do conceito representado pelo N, enquanto que sua ausência assinala a essência desse conceito. A isto, Alarcos Llorach (1967: 176) agrega que "o papel do artigo se limita essencialmente a transpor o nome de classificador em identificador: em 'bebo vinho', não se classifica mais a realidade que se bebe, e sim se identifica uma realidade precisa e concreta dessa classe, sem possibilidade de confusão no contexto dado".



A "fraqueza" explanatória da análise sintática do Art aconselha a buscar em outro nível, o do discurso, as razões de seu uso. Precisaremos, também, mudar a estratégia de observação, comparando agora o Art o com o Indef um.

Assim, em

(96) O menino apareceu

e

(97) Um menino apareceu,

na análise tradicional, as classes o e um indicariam, respectivamente, que o referente de menino é determinado em (96) e indeterminado em (97). Por outras palavras, "o menino" remete a um indivíduo isolado de entre os demais indivíduos da mesma espécie, enquanto que "um menino" não implica nessa individuação.

Uma série de contra-exemplos compromete o valor de generalidade dessa explicação, originária, segundo me parece, do momento em que se incluiu em nossa tradição gramatical o Indef um na classe do Art. Veja-se, por exemplo:

(98) O cão é o maior amigo do homem,

em que "o cão" tem por referente toda a espécie, e não um indivíduo isolado. Ao contrário, em

(99) Um cão entrou na sala,

"um cão" remete a um indivíduo preciso.

Entretanto, comparando-se (99) com

(100) O cão entrou na sala,

observa-se que nesta oração o referente de "cão" é dado como sabido, como conhecido dos locutores, ao passo que em (99), embora se trate de um animal bem individuado, não se pode dizer que a interpretação semântica dessa oração implique no conhecimento pelos locutores do referente de "cão". Assim, o par conceptual "conhecido / não conhecido" tem um poder explicativo maior que o par "determinado / não determinado", e por isso será aqui adotado.

Seria agora conveniente estabelecer o que se vai entender por "conhecido / não conhecido". Isso tanto pode indicar que o item articulado já foi mencionado - e nesses casos o Art. tem um papel endofórico anafórico - quanto pode indicar que o item pode ser interpretado semanticamente pelo contexto social em que se movem os falantes - casos em que o Art terá um papel exofórico -.

O Art, em suma, assinala a progressão temática do texto, constituindo-se num interessante recurso da informatividade: Beaugrande (1980, cap. IV).

### 7.1 - Artigo endofórico

Quando se inicia uma conversação a partir de um tópico que se supõe não compartilhado pelo interlocutor, a primeira menção ao N correspondente será feita mediante o Indef um. Em sua primeira retomada, passamos para o Art o, pois aquele dado se tornou conhecido, integrou-se no fluxo da consciência:

(101) Um rapaz apareceu no escritório pedindo emprego (...). O rapaz parecia muito esperançoso de que o atenderiam.

Culioli ( ) denomina de "extração" o esquema um N. Por esse processo, instituímos um tópico dentre muitos outros possíveis. O esquema o N é por ele denominado de "flechagem". Por esse processo, recuperamos o tópico já mencionado. Em suma, no esquema um N → o N o pressuposto é que o referente é estranho ao conhecimento do interlocutor. Assim, numa entrevista em que um informante habituado às coisas da vida rural se dirige a um interlocutor tipicamente urbano, adota-se esse esquema:

(102) Doc - E qual é o tipo de terra, lá?  
 Loc - Lá nos temos... é uma terra roxa, misturada, quer dizer, terra ... um pouco arenosa, né? Roxa pura. Existe... vários tipos de terra roxa: a roxa granulada, que é a melhor que nós temos, e temos a roxa comum e... temos a roxa misturada com areia. A nossa, lá, a... predominância principal é a roxa misturada. E ela... tem algumas vantagens... em relação à roxa granulada, que a roxa granulada ela resseca muito a seca. (D2 15: 26-38).

Observa-se que na elaboração parafrástica do tópico conversacional o falante repetiu uniformemente o item lexical "terra roxa". A determinação se fez inicialmente com um, a que se seguiu  $\emptyset$ , a, principiando então a pronominalização por ela.

Entretando, se o pressuposto é o de que o tópico é compartilhado, o esquema se inverte, e temos o N → um N. Esse esquema é comum nos pedidos de informação, quando o falante principia sua resposta pela estrutura sintática contida na pergunta, mas tem de mudá-la por estar em face de algo supostamente desconhecido:

- (103) -- Como é a estrada para Santa Catarina ?  
 -- A estrada é:: uma estrada estreita,  
né, tem muito trãnsito de caminhão.

Na continuação da entrevista citada em (102), quando se passou a mencionar "trabalhador rural", o falante adotou o esquema acima, na pressuposição de que o tópico fosse familiar ao seu interlocutor:

- (104) Então os colonos, que eram os trabalhadores normais, porque o colono tinha um tipo de... é um tipo de atividade interessante sob o ponto de vista... né... de legislação trabalhista. Porque... né... trabalhava a família inteira, quer dizer, o contrato era do... da fazenda com o chefe da família. E o chefe da família às vezes tinha sessenta ou setenta anos e tinha filhos de quarenta com... com noras, genros... E aquele conjuntofamiliar trabalhava (...) Então um homem cuidava de quatro a cinco mil pés de café. Então um menino cuidava de quinhentos...

Na elaboração parafrástica do texto, o falante retomou o tópico conversacional através de escalas sinonímicas, seguro de que, tratando-se de assunto compartilhado, essa estratégia não traria maiores complicações. Assim, ao lado de "os colonos", ele menciona também "os trabalhaores", "o chefe da família", "um homem", "um menino", etc. Seguem-se as cosrtumeiras pronominalizações e retomadas por meio dos Dem. O que me parece essencial reter dos exemplos (102) e (104) é que a instituição do tópico e sua recuperação não dependem de esquemas sintáticos fixos, do tipo o "conhecido" / um "desconhecido". A determinação por meio de X ou de Y não são por si sós instituidores ou recuperadores do tópico, e esta matéria fica muito mais sujeita a um tipo de "acordo interacional" do que à submissão a regras sintáticas. Estabelecido o esquema, é a mudança de o para um, ou de um para o que desempenhará os papéis de instituição e recuperação do tópico. Estamos em face, portanto, de prcessos conversacionais (a mudança da categoria, no caso), muito mais do que em face de categorias sintáticas a que corresponde rigidamente determinada interpretação semântica.

## 7.2 - Artigo exofórico

Nos casos de exófora, o Art pode acompanhar mesmo os itens ainda não mencionados. Ocorre aqui a aceitabilidade do item porque os falantes compartilham um mesmo ambiente cultural. Isso explica por que começamos um tópico conversacional mediante o uso da classe o:

- (105) Greve em São Paulo. Os metalúrgicos exigem reajustes trimestrais.  
 (106) Fulano veio para a festa de aniversário mais esqueceu o presente.

Dizemos então que os itens lexicais articulados que caem nesta categoria estão ligados a certas "molduras" próprias às diferentes situações conversacionais. Essa moldura (frame) é uma "representação conceptual assumida e compartilhada pelos membros de uma dada comunidade": Shannon (1981: 40). Portanto, "conhecido" aqui é o mesmo que "implicado", e assim a propriedade pragmática da definitude, exemplificada pelo Art, desempenha o papel de coesivo textual: Beaugrande (1980: 133).

O papel discursivo/<sup>do Art e do Indef,</sup> tanto endofórico quanto exofórico, tem sido insistentemente destacado na literatura. Para Alonso (1933: 157), a escolha de o ou de um depende da "técnica do colóquio", pois "o funcionamento da língua se complementa e economiza apoiando-se no contexto e na situação particular dos falantes". Weinrich (1976: 212) mostrou que a alternância Art / Indef tem o papel de dirigir a atenção do interlocutor para a informação que se está veiculando. No caso do Indef, dirige-se a atenção para o que "vem depois". "Em oposição a isto, o artigo definido assinala que nesse lugar se trata de informação prévia". E como a informação prévia e a informação posterior "podem diferenciar-se naturalmente em qualquer secção do texto", entende-se por que oscilam tanto essas classes no enunciado, fazendo periclitarem os esquemas sintáticos de apreensão dessa realidade tão dinâmica. O mesmo Weinrich estuda ainda os casos em que aparece o Art nas "orações universais" como em

- (22) O homem é um animal social,

em que dirigimos a atenção não para a informação, mas para o código lingüístico, para a palavra no sentido mais amplo e geral que ela tem no dicionário, eliminada a informação prévia (pág. 213). Esse autor lamenta que tais empregos metalingüísticos tenham sido mal interpretados, gerando a falsa convicção de que o Art assinala o gênero, isto é, toda a humanidade, quando na realidade "a designação do gênero através do artigo determinado é um caso extremo na lingüística do texto, dadas as especiais condições de isolamento, o mais das vezes metalingüístico".

Conclusões (provisórias)

8. O exame dos dados a partir de dois pontos de vista distintos, o sintático-oracional e o discursivo, mostra o seguinte:

(1) O estudo sintático fornece bons elementos sobre a distribuição do Art em relação às classes co-ocorrentes, mas nada revela dos mecanismos de funcionamento da língua.

(2) Uma análise semântica prévia dos Ns seria de grande utilidade para a realização de um estudo explanatório do Art.

(3) O estudo discursivo demanda o refinamento das categorias com as quais opera: tema / comentário, conhecido / não conhecido, mudança. Esse tipo de discussão está se deslocando para o centro da controvérsia lingüística neste momento, e o aprofundamento de suas pistas teria um grande papel para o desenvolvimento do Projeto NURC no Brasil

*Comparação das noções*  
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALARCOS LLORACH (1967) - Emilio Alarcos Llorach - "El artículo en español", in Estudios de Gramática Funcional del Español. Madrid, Gredos, 1970, pp. 166-177.
- ALONSO (1933) - Amado Alonso - "Estilística y gramática del artículo en español", in Estudios Lingüísticos. Temas españoles, 3ª ed. Madrid, Gredos, 1967, pp. 125-160.
- BEAUGRANDE (1980) - Robert de Beaugrande - Text, Discourse and Process. Toward a multidisciplinary Science of Texts. London, Longman, 1980.
- CARRATORE (1983) - Enzo Del Carratore - Nota Prévia ao Léxico de Freqüência do Português Contemporâneo de São Paulo. Marília, FEFCSDoc/UNESP, 1983.
- CULIOLI ( ) -
- CUNHA-CINTRA (1985) - Celso F. da Cunha e Luis F. Lindley Cintra - Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- QUESTIONARIO (1971-1973) - Questionario para el Estudio Coordinado de la Norma Linguística Culta. Madrid, PILEI/CSIC, 3 vols., 1971-1973.

- SHANNON (1981) - B. Shannon - "What is in the frame? Linguistic Indications", Journal of Pragmatics 5: 1981, 35-44.
- SUÑER (1982) - Margarita Suñer - Syntax and Semantics of Spanish Presentational Sentence-Types. Washington, Georgetown University Press, 1982.
- WEINRICH (1976) - Harald Weinrich - Lenguaje en Textos. Madrid, Gredos, 1981.

XIII Reunião Nacional do Projeto NURC/Brasil.  
Campinas, dezembro de 1985.



MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Brasília, 22 de novembro de 1985

Ao Senhor  
Doutor Ataliba T. de Castilho  
Presidente do Instituto de Estudos da Linguagem  
Universidade Estadual de Campinas  
Caixa Postal 6045  
CAMPINAS - SP

Prezado Doutor Castilho,

Tenho o prazer de acusar recebimento de correspondência datada de 10 de julho último, com a qual Vossa Senhoria faz um breve relato sobre os trabalhos que estão sendo desenvolvidos pelos lingüistas brasileiros.

Em resposta, aprez-me informá-lo de que o documento foi apreciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico que, por sua vez, manifestou apoio aos pontos sugeridos, especialmente quanto à melhoria e adequação de bibliotecas especializadas, incentivo à formação de grupos de trabalho e maior intercâmbio entre pesquisadores de Universidades diversas, maior financiamento para aquisição de equipamentos para a pesquisa fonética e incremento do número de bolsas de Pós-Graduação e Auxílio à Pesquisa.

Aproveito a oportunidade para apresentar os protestos de estima e consideração, com que me subscrevo

de Vossa Senhoria

(Renato Archer)  
Ministro de Estado da  
Ciência e Tecnologia